

O FIM DO MUNDO EM 2012

Renan William dos Santos¹

Resumo: Em 21 de dezembro de 2012, estava marcado mais um fim do mundo. Dessa vez profetizado pelos maias, que através de uma mítica sabedoria teriam elaborado o maior de seus calendários para acabar justamente nessa data. Em momento algum, entretanto, as divindades maias eram evocadas como atores importantes na consumação da profecia. Nem deuses de outras civilizações. Os agentes desse quadro apocalíptico pareciam vir, em sua maioria, dos medos e anseios construídos a partir da ciência ocidental moderna: asteroides, tsunamis, erupções solares etc. O que os elementos que compõe essa nova escatologia podem dizer sobre a sociedade contemporânea em que vivemos? Nesse artigo, procurou-se coletar e analisar as diversas falas produzidas sobre esse caso das profecias maias veiculadas em reportagens especiais para televisão, artigos de jornal e revistas, e postagens em blogs. A partir daí, buscou-se interpretar os novos papéis assumidos pelas profecias apocalípticas no nosso mundo ocidental cada vez mais globalizado, modernizado e desencantado.

Palavras chave: Maias; fim do mundo; escatologia; sociologia da religião; desencantamento do mundo).

Metodologia

Este trabalho não visou à reconstrução histórica do povo maia, nem um aprofundamento em seus sistemas de calendários, seu modo de vida, cosmologia ou algo do tipo. No que tange essa cultura, foi feito apenas o aprofundamento histórico necessário para se contextualizar o ambiente invocado como “berço” das profecias sobre 2012. Afinal, mesmo que nossa apropriação moderna tenha modificado completamente as profecias originais (para muitos elas sequer existiam), essa reivindicação das raízes maias não foi ao acaso.

O projeto de pesquisa que deu origem a este artigo teve início meses antes (precisamente em agosto de 2012) da data marcada para o apocalipse, *no calor do momento*. Isso permitiria observar tanto o crescente interesse no assunto por parte da população, juntamente com a proliferação de reportagens que o acompanhava, quanto as ponderações que sairiam após a data – caso o mundo realmente não acabasse.

Tratava-se, porém, de analisar o que o surgimento e propagação desse tipo de profecia, em detrimento de outros, tinha a nos dizer sobre os rumos da escatologia na atualidade, e não de fazer um estudo desse caso em específico. Assim, a estratégia adotada foi analisar a forma como se deu a apropriação desse mito, que seria própria de nossa sociedade.

1 Mestrando do programa de pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), com apoio do CNPq.

Para tanto, a pesquisa se fundou num amplo material escrito, constituído por matérias impressas e digitais de jornais, revistas e mesmo produções acadêmicas, lançadas sobre o tal “fim do mundo maia”. Esse material foi recortado e analisado em relação às informações relevantes que traziam e também quanto às questões filosóficas, teológicas e sociais que levantavam. Explicações que procuravam a razão dessas profecias se espalharem e cativarem tantas pessoas foram igualmente contempladas.

Quem foram os maias?

Os maias surgiram há cerca de quatro mil anos¹, na Mesoamérica (Navarro, 2008). Sua civilização alcançou um desenvolvimento extraordinário, sendo que entre os séculos III e IX chegaram a ter mais de 40 cidades, algumas com até mais de 100 mil habitantes (Navarro, 2012), espalhadas numa região que hoje inclui o México, partes de Belize, Guatemala e Honduras, totalizando uma área ocupada de cerca de 325 mil quilômetros quadrados (Hama, 2005). Dentre as diversas áreas do conhecimento, se destacaram principalmente na arquitetura, escrita e astronomia – especialmente nessa última, onde atingiram patamares sem par tanto no continente americano como, em muitos aspectos, no europeu (Cordeiro, 2007).

Seu complexo sistema de escrita fonética e ideográfica, o mais sofisticado do continente americano na época pré-colombiana, era composto por mil diferentes caracteres, que representavam sons e símbolos e eram gravados tanto em papel (feito de peles de animais ou em casca de árvores) como em estelas de pedra (Cordeiro, 2007).

Já a arquitetura, também aplicada no planejamento das cidades e sistemas de irrigação, é mais conhecida devido às construções de pirâmides escalonadas. A mais famosa delas é a de Kukulcán, em Chichén Itzá. Essa pirâmide tem 365 degraus (91 de cada lado mais a base superior) que representam os dias do ano. Durante os equinócios a luz solar atinge uma de suas faces num ângulo tal que se forma a imagem dum corpo serpenteante, ligando-se à escultura de uma cabeça de cobra esculpida em sua base – o que para eles seria a manifestação visível do deus Kukulcán.

A astronomia, por sua vez, era usada, conjuntamente aos outros conhecimentos de forma a compreender e até contatar seus deuses. O que os motivava a adquirir tal conhecimento, portanto, não era uma demanda instrumental apenas, tal como planejar as épocas de plantação e colheitas conforme as estações, mas principalmente uma motivação religiosa. Tal fato se demonstra também com a existência de janelas em alguns templos com o objetivo de fazer observações astronômicas e que só podiam ser usadas após rituais de purificação. Como explica Pallán, diretor do Acervo Hieroglífico e Iconográfico Maia

(Ajimaya), "para os antigos maias, o tempo não era algo abstrato, era formado por ciclos e estes às vezes eram tão concretos que tinham nome e podiam ser personificados mediante retratos de seres corajosos. Por exemplo, o ciclo de 400 anos estava representado como uma ave mitológica" (Textos maias..., 2010). Ainda segundo ele, alguns governantes legitimavam seu poder mediante vínculos que estabeleciam com esses ciclos através de ancestrais ou mitos.

Os conhecimentos astronômicos maias talvez não sejam jamais conhecidos em toda a sua extensão, pois em 1562, vinte manuscritos e cerca de cinco mil estelas com inscrições foram destruídas sob ordens de frei Diego de Landa (Mourão, 2012). Contudo, eles eram, pelo pouco que se pode consultar, avançadíssimos. Um exemplo disso é o fato de usarem o conceito do zero cerca de oito séculos antes da sua introdução na Europa (Cordeiro, 2007). Uma boa amostra de sua astronomia pode ser vista em seus calendários, que eram muito mais precisos do que os dos invasores europeus à época e continuaram sendo muito tempo depois. Eles conheciam profundamente os ciclos do Sol, da Lua e de Vênus, e estabeleceram a duração de um ano como 365,242129 dias, uma exatidão assombrosa: só há pouco tempo a moderna ciência calculou que ano solar tem 365,24198 dias (Cordeiro, 2007). Tinham diversos calendários, sendo os principais o sagrado (*tzolkin*) com 260 dias e o solar (*haab*) composto de 360 dias divididos em 18 meses iguais, mais cinco dias nos quais nada deveria ser feito. Existiam ainda diversas outras unidades de tempo que se sucediam, cada vez maiores. Cada 18 meses (*winal's*) formavam um *tun*, 20 *tuns* formavam um *katun* e, finalmente, 20 *katuns* formavam um *baktun* (Navarro, 2012). Esse último só podia atingir 13 ciclos, que totalizam 1872000 dias: cerca de 5125 anos, ou 13.0.0.0.0 *baktunes* – o “fim” de todos calendários, que recomeçariam do zero.

Partindo de algumas informações arqueológicas que não são consenso, alguns pesquisadores dizem que o último “ano zero” maia foi em agosto de 3114 a.C. Passados 5125 anos e levando em conta os números quebrados, que representam os meses e dias, chegamos a 21 de dezembro de 2012 – data do solstício de inverno no hemisfério norte, o que implica na noite mais longa do ano; também período em que o sistema solar estaria alinhado com o centro da galáxia (Navarro, 2012; Nogueira, 2008).

A história toda girava em torno do que aconteceria nessa data de 21 de dezembro de 2012, que corresponde no calendário maia ao 13º *baktun* – como já foi dito, o último ciclo. Ela é originalmente baseada em inscrições achadas em alguns sítios arqueológicos, como o de Tortugueiro (sudeste do México) no monumento Estela 6, conhecido popularmente como "a Estela do fim de uma era"; na Estela 1, ao mesmo tempo registro histórico e de previsões, localizada na cidade de Cobá, novamente no México; finalmente, é associada aos livros Chilam

Balam, manuscritos históricos, folclóricos, astronômicos e religiosos, que em sua maioria foram feitos pós-invasão espanhola (Najár, 2011; Pastén, 2012).

Segundo a interpretação dos arqueólogos Sven Gronemeyer e Bárbara MacLeod (2010), as inscrições da Estela 6 fazem referência ao retorno de Bolon Yokte, deus da criação e da guerra, que estava presente no início da era atual. Esse texto está ligado a outro, no mesmo sítio, que diz que os governantes maias deveriam "preparar o terreno para o retorno do deus Bolon Yokte, e que o Bahlam Ajaw seria o anfitrião de sua posse" (Maias previam... 2011). Com o retorno dessa divindade haveria um recomeço: uma nova era seria iniciada, dando fim à anterior.

O motivo principal da evocação dos maias como fonte de credibilidade acerca das profecias do fim do mundo passava, invariavelmente, pelos mistérios em torno daquela civilização. Esses iam desde sua ciência, que seria notavelmente avançada para os padrões tanto temporais como geográficos, até a ascensão e declínio do seu império, fonte de apaixonadas especulações ainda hoje, que vinculam hipóteses sobre um relacionamento destrutivo com a natureza, um espírito guerreiro e violento, desorganização política, dentre outras possibilidades. Ciência avançada, declínio pela destruição do meio ambiente, medo da aniquilação por guerras e conflitos políticos – não por acaso, as afinidades eletivas desses temas com nossa cultura moderna parecem evidentes.

1637

As profecias desembarcam em nas praias da modernidade

Um dos primeiros indivíduos a se aproveitar da ideia de um *fim do mundo maia* e popularizá-lo, sob um ponto de vista mais ocidentalizado, foi artista e historiador americano José Argüelles no livro *O fator maia* (1984). Ele mistura os achados arqueológicos antes mencionados com as correlações entre os calendários ocidental e maia, adiciona numerologia, revelações de extraterrestres e todo tipo de misticismo para argumentar que a data marcaria o fim do ciclo do *homo sapiens* e o início de uma época ecologicamente mais harmoniosa entre o homem e a natureza (Gorzoni, 2010).

Tratar-se-ia, portanto, de um fim metafórico: na verdade os maias não falariam do fim concreto do mundo, por exemplo com desastres astronômicos ou geológicos (como futuramente novos rumores iriam divulgar), mas sim de um renascimento, uma mudança em hábitos e modos de pensar, que repentinamente aconteceria em dezembro de 2012.

Por isso, os fiéis eram incitados a procurar algum reduto afastado em meados da data, com o objetivo não de se proteger fisicamente, mas de meditar e se purificar para a transformação que viria. No Brasil, o lugar mais procurado (e de nome extremamente

sugestivo, aliás) foi Alto Paraíso, em Goiás. A cidade é cortada pelo Paralelo 14, que também atravessa Machu Picchu no Peru, além de estar em cima de uma placa enorme de quartzo, de quatro mil metros quadrados, que para os místicos a protegeria “energeticamente” (Nascimento, 2012). Mesmo os mais desconfiados quanto ao poder dos cristais poderiam encontrar na cidade o refúgio fornecido pelo ponto mais alto da região Centro-Oeste, com 1.691 metros de altitude.

Diversos lugares *misticamente protegidos* pelo mundo afora foram igualmente procurados pelos que esperavam algum evento em 2012: na Sérvia, a montanha de forma piramidal Rtanj; no sudoeste da França, o monte Bugarach; na Turquia, o povoado de Sirince (Opções para o “fim do mundo”..., 2012). Enfim, notícias sobre os planos de alguns grupos esotéricos que planejavam ir para este ou aquele refúgio não faltaram.

Nessa onda mística, foram coletadas também reportagens nas quais alguns crentes tentavam explicar o que aconteceria na data. Por exemplo, a fala do francês Laurent Duzou, professor de yoga justamente em Alto Paraíso, de que o fim do mundo em 21 de dezembro de 2012, na verdade, significaria “uma época de confusão do mal que vai se encerrar. Depois disso teremos o início de uma nova sociedade” (Bessa, 2012).

Já Alexandre Cavalcante, dono da pousada Spa do Espírito, também em Alto Paraíso, dizia: “acredito num novo despertar de uma nova consciência planetária. Isso já vem acontecendo há alguns anos, e o 21 de dezembro é o ícone para despertar mais pessoas” (Bessa, 2012).

Há ainda a fala de Flow Lesur: “O que eu espero é que eu deixe ir embora todo o velho sistema de crenças e todo o passado, e simplesmente entre em uma nova realidade que seja ainda melhor” (Febre do “fim dos tempos”..., 2012).

Encontramos a mesma abordagem no livro “2012: A era de ouro”, de Carlos Torres e Sueli Zanquim (2012). Em um trecho da sinopseⁱⁱ, é dito que em 21 de dezembro de 2012, “não veremos o apocalipse, tampouco o fim do mundo, veremos sim um novo tempo de exuberância, abundância e prosperidade” (Torres e Zanquim, 2009).

Até aqui, tudo muito próximo daquele tipo de expectativa milenarista presente em tantos casos no decorrer da história humana: *subitamente*, um mundo identificado como *ruim*, *escasso* e *degenerado*, iria se transformar num reino dourado, *perfeito*, *abundante* e *harmonioso* – ainda *nesta vida terrena*.

Não é importante para esse trabalho a discussão da fidelidade dessas interpretações para com as profecias originais – se os maias realmente disseram assim, se pensavam assim, se a correlação de datas está certa ou errada etc. Muito mais interessante foi notar que em todas

essas entrevistas e mesmo nos diversos livrosⁱⁱⁱ esotéricos publicados sobre o *fenômeno 2012*, o *conhecimento científico* dos maias era reiteradamente evocado como fonte de credibilidade para o que se diria sobre a data. Sua cultura, história, modo vida, cosmologia, tudo isso ficava em segundo plano. Era a capacidade daquele povo de fazer cálculos complexos, construir observatórios e elaborar calendários precisamente calibrados com os movimentos dos astros, o ponto principal em torno do qual os textos giravam antes de darem seus arroubos proféticos e especulativos.

O *fato* era que os maias calcularam que alguma coisa acabaria em 21 de dezembro de 2012, pois nessa data o maior de seus calendários se encerraria. Com todo seu conhecimento, essa data não seria escolhida ao acaso, arbitrariamente. Esse era o dado incontestável. Já o mistério sobre o que se daria, cabia aos modernos dizer.

O apelo ao conhecimento científico não se circunscrevia às referências maias. Portanto, a figuração desse povo, mesmo com toda a aura científica que era atribuída a sua civilização, ainda era insuficiente para que uma nova profecia sobre o fim dos tempos ganhasse força e aplacasse um número considerável de adeptos num mundo já cansado de tantos falsos alarmes e profetas. O acréscimo do misticismo à moda de José Argüelles também não bastava – afinal, nesses moldes as profecias ficaram restritas a uma parcela muito pequena da população (em círculos esotéricos, principalmente) gerando praticamente nenhuma reportagem ou publicação. Apenas quando os discursos secularizados sobre o apocalipse apareceram, sendo então veiculados na mídia com uma retórica científica sobre fenômenos anormais que aconteceriam ao final de 2012, a história ganhou força e passou a se proliferar em todo o mundo.

Vários fatores marcaram essa transição. Em primeiro lugar, na mesma medida em que aumentava a sofisticação científica das profecias escatológicas, crescia a procura da tecnologia como recurso para se salvar do temido fim, em detrimento das já tão conhecidas proteções místicas e religiosas.

Nos Estados Unidos, pessoas compravam ou construíam refúgios antinucleares ou transformavam seus sótãos em bunkers. Podia-se comprar uma tenda anti ataques químicos, biológicos e também nucleares por 9,5 mil dólares na Amazon.com. Já um bunker de luxo saía por 20 milhões de dólares (Rocha; Costa e Loes, 2011), enquanto um mais velho, da Rússia stalinista, a 65 metros de profundidade, ficava por 9,7 mil euros (Opções para o “fim do mundo”..., 2012). Houve indivíduos mais radicais, como o chinês Lu Zhenghai, engenheiro naval que construiu sua própria arca (inspirada na Bíblia), com um casco de 21,2 metros de

cumprimento e 15,5 metros de largura, pesando cerca de 140 toneladas (Chinês constrói Arca..., 2012).

É completamente nova essa imensa procura por meios que “comprovadamente” resistiriam aos diversos “apocalipses científicos”, tal como um ataque nuclear em massa, terremotos, impactos de asteroides etc. Além disso, mesmo algumas pessoas que migravam para lugares que eram marcadamente procurados por serem miticamente protegidos, como a já citada cidade Alto Paraíso (GO), passaram a justificar sua escolha incluindo nos fatores que faziam da cidade um refúgio o fato de ela estar muito elevada em relação ao resto do território ao redor, o que a protegeria de algo como um imenso tsunami. Ainda, muitos dos que acreditavam na proteção mística do local também se precaveram estocando água e alimentos em suas casas.

O filme hollywoodiano chamado “2012” (com a direção de Roland Emmerich, o mesmo de *Independence day* e *O dia depois de amanhã*) também é um dos marcos dessa fase mais cientificizada das profecias. Lançado em 2009, mostrava cenas de acontecimentos catastróficos que aconteceriam no ano de 2012. Apesar das diversas referências aos maias e seu calendário, que teria previsto o alinhamento do sistema solar com o centro do universo, o enredo do filme se focava em como a ciência moderna lidaria com um evento apocalíptico. Esse já teria sido previsto por pesquisadores em 2009: as crescentes tempestades solares estariam aumentando a temperatura do núcleo terrestre, o que iria alterar o campo magnético do planeta e desencadear uma série de eventos, como gigantescas erupções vulcânicas, tsunamis, deriva dos continentes, dentre outros cataclismos. Após tomarem ciência dessas estimativas, as autoridades globais iniciam uma preparação sigilosa para salvar a raça humana. São construídas duas arcas com uma tecnologia que resistiria ao apocalipse, e nelas alguns lugares são reservados, enquanto os outros são postos a venda por 1 bilhão de euros cada.

A produção teve ótima bilheteria, alcançando US\$ 225 milhões de faturamento só no primeiro fim de semana. No Brasil, foi a quarta maior bilheteria do ano. Na campanha publicitária, foi criado um instituto fictício na internet que fornecia números para um sorteio. O ganhador faria parte da pequena parcela da população a ser salva do apocalipse. Isso gerou uma teoria da conspiração, segundo a qual diversas pessoas poderosas ao redor do mundo estavam realmente se preparando para o apocalipse em 2012.

O mais impressionante, porém, foi o envolvimento do poder público nessa história de que o mundo acabaria em 2012. Ao mesmo tempo em que vários governos recorreram às suas agências de pesquisas científicas para acalmar a população com a ajuda da mídia, houve alguns

casos em que a autoridade pública acatou as possíveis catástrofes como um perigo real e procurou proteger a população.

Por exemplo, em São Francisco de Paula (RS), o prefeito Décio Colla declarou em entrevista que vinha orientando a população a se proteger contra as catástrofes previstas pelo calendário maia. Recomendava que as pessoas estocassem lenha, fósforos, velas, lampiões, alimento e água. "Quando eu alertei meu povo, foi para informá-lo dos fatos que eu sabia e hoje todos sabem, porque está na internet e na TV. Eu fiz o alerta para que eles não sofressem ou sofressem menos" (A 25 dias do "fim do mundo"..., 2012). Ainda durante essa entrevista ele revela as bases de sua recomendação: "É nessa data que o cinturão de fótons vai estar mais perto. É nessa data também que acontece o alinhamento com o Sol central (sic), na data prevista pelo calendário maia: dia 21 de dezembro. O que se percebe hoje são alterações planetárias", e ainda: "Quando os ventos solares emitirem as descargas magnéticas, nós vamos sentir muito. O Sol de agora não é o mesmo de 10 anos atrás". Tudo isso, segundo ele, trará consequências ao planeta: "A primeira é o aquecimento global, que não é culpa só do homem. O centro de Terra está ficando mais quente. E nós temos dois grandes vulcões, terríveis, um em Yellowstone e o outro nas Ilhas Canárias".

Toda a fala do prefeito é sempre pontuada com um apelo à autoridade do discurso científico: Ele disse: "Se vocês fossem entrevistar astrofísicos, eles pensariam da mesma forma, e vocês ficariam até com mais medo".

Enquanto em São Francisco a preocupação era em se preparar para as catástrofes, em outras partes do mundo a intenção era desmenti-las. O maior representante dessa empreitada foi a NASA, agência norte-americana de pesquisas espaciais. Após receber milhares de cartas e e-mails de pessoas desesperadas quanto às profecias de 2012, a agência criou uma página em seu site onde, além de dez perguntas e respostas que esclareciam porque o mundo não iria acabar e de onde tinha saído essa história, também eram postados artigos relacionados a meteoros, tempestades solares, inversão magnética etc. (NASA, 2012). Ainda, em novembro de 2012, seis cientistas da agência realizaram uma videoconferência através do Google+ intitulada "Além de 2012" (mesmo nome da seção no site), que durou cerca de uma hora e da qual participaram mais de duas mil pessoas. Outros meios como Twitter e Facebook foram igualmente usados para enviar mensagens tranquilizadoras.

Um dos cientistas da NASA que mais se engajou no assunto foi David Morrisson, que por sinal também aparece em um vídeo na já citada página. Ao jornal *The Independent*, ele afirmou: "Eu mesmo tive casos de adolescentes escrevendo para mim dizendo que eles estavam pensando em suicídio, porque não queriam ver o fim do mundo. Eu acho que mentir

na Internet e assustar crianças com o fim de ganhar dinheiro é eticamente errado." (Connor, 2009)

Na Argentina, o governo fechou os acessos ao monte Uritorco, local com conotações místicas, em Córdoba, após uma convocação de “suicídio espiritual em massa” marcado para 21 de dezembro de 2012 que se espalhou nas redes sociais (Argentina teme suicídio..., 2012).

Já na França um relatório divulgado em 2011 pela Missão Interministerial de Luta contra as Seitas (Miviludes) recomendava que as autoridades tivessem maior vigilância diante do surgimento de seitas apocalípticas baseadas nas profecias em torno do fim do calendário maia. “Atos extremos” poderiam ser cometidos pelos cidadãos conduzidos por tais discursos milenaristas, que ganhariam força devido às novas tecnologias de informação. Ainda segundo o relatório, as seitas que surgissem baseadas em previsões apocalípticas seriam “mais alienantes e mais manipuladoras que as outras”, e suas estruturas “mais históricas e fanáticas” (Fim do mundo..., 2011).

Seguindo na esteira dos demais, os deputados de São Petersburgo, na Rússia, pretendiam segundo o jornal *Voz da Rússia* (Deputados de São Petesburgo..., 2012), proibir o fim do mundo, ou, com menos sensacionalismo, proibir que a mídia tocasse no assunto, pois isso poderia levar o povo à histeria, “criminalidade, aumentar o número de suicídios, o abuso de drogas e bebidas alcoólicas”.

Na China houve também um caso interessante. A intervenção do governo foi mais repressiva do que dissuasiva, pois foram detidos cerca de mil pessoas da seita Deus Todo-Poderoso, que pregava cataclismos relacionados ao fim do calendário maia. Remete-nos aos discursos milenaristas o fato dessa seita pregar que o Partido Comunista chinês seria o "grande dragão vermelho" a ser destruído e prometer aos seus fiéis uma nova era dirigida por um Cristo feminino (China prende..., 2012).

Todo esse engajamento em conter as “irracionalidades” e estabelecer as “verdades modernas” sobre o fim dos tempos, afirmando uma escatologia desencantada (porque não apela à magia) e secular (pois não trata de afirmações religiosas, baseadas na fé), mostra que esse tema continua, como antes, candente e fundamental enquanto gerador de sentido nas mais diversas sociedades.

Conclusões

As divindades maias, ou de outras origens, em momento algum eram evocadas como atores na consumação da profecia. O alarmismo espalhado pela mídia não tinha nada a ver com os maias. Deles, aproveitou-se apenas o fim do calendário e a aura de mistério. Nada foi

retido de suas concepções e crenças. Foram usados alguns de seus signos, mas os significados eram todos nossos. Essa apropriação expressou nosso modo de ver e de pensar o mundo: cada vez mais de forma científica, com a perda progressiva da religião sobre o controle dos temas escatológicos. Em outras palavras, as religiões não aparecem mais como autoridades ou fontes principais de saber que ditariam os acontecimentos a se suceder no fim dos tempos – esse papel cabe, agora, à ciência, com todas as consequências que daí decorre: o apocalipse é um fato possível, pura e simplesmente, sem causa moral ou mística, sem sentido.

Outro fato que apontava nessa direção, de que o “desencantamento do mundo” (Pierucci, 2003, *passim*) atingiu também a escatologia, era que a história só começou a ganhar força quando especulações aparentemente “não esotéricas” foram incorporadas às profecias (de saída místicas, ao estilo *new age*^{iv}). Isto englobava fatos supostamente científicos, como previsões cosmológicas sobre alinhamentos exóticos, medições geológicas do campo magnético da Terra, tabelas que mostravam a intensificação das erupções solares etc. Não só surgiram histórias que misturavam essas expectativas “cientificamente possíveis” de fim do mundo com o fim do calendário maia, como diversas reportagens aproveitaram o clima apocalíptico para divulgar o que a moderna ciência tem a dizer sobre o fim dos tempos em contraposição às narrações místicas e religiosas.

Nas reportagens, a fonte explicativa de quase tudo atualmente, a Internet, era quase que unanimemente apontada por especialistas nas mais diversas áreas e também pelos próprios jornalistas como a responsável pela difusão da “histeria coletiva” que rondava dezembro de 2012. Obviamente, a mídia teve um importante papel nessa história, mas podemos constatar que esse empenho refletia a já citada “afinidade eletiva” entre esse tipo de profecia e nossa sociedade. Ora, praticamente todos os dias surgem novos profetas e profecias ao redor do mundo. Mas, como pudemos ver (coincidentemente também no ano de 2012) com o caso do “profeta do Piauí”^v, esse *modus operandi* de profecias – que se baseiam em revelações divinas, numa nova interpretação de escrituras sagradas, em sinais ou acontecimentos paranormais – dificilmente tem prosperado em cativar grande interesse na população.

Certamente, a responsável pela disseminação e ressonância que a “profecia maia” ganhou em sua forma final foi essa condição desencantada, desmagificada, na qual o fim do mundo era um fato plausível do ponto de vista científico, que nada tinha a ver com o humor das divindades, com operações mágicas de algum indivíduo ou, ainda, com a decadência moral da humanidade. Tudo isso nos permite dizer que a profecia do nosso tempo deixa de lado os deuses e seus desígnios. Ela moderniza-se, seculariza-se e se desencanta.

É por isso que, na mesma medida da propagação da profecia e de seus desmentidos, crescia o apelo a uma consciência mais apurada do homem no cuidado de seu planeta. Ao “mito” maia passaram a se contrapor possibilidades “reais” do mundo acabar. É o que se via nas reportagens. A lição de moral se repetia tal como nas profecias tradicionais, só que agora colocando em nossas mãos, e não em mãos divinas, as causas prováveis do fim do mundo: as guerras com armas atômicas, a poluição das águas, o aquecimento global. Enfim, coisas do homem.

Referências

- A 25 dias do "fim do mundo": para prefeito, Brasil não está preparado. Portal Terra [online], 2012. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/a-25-dias-do-fim-do-mundo-para-prefeito-brasil-nao-esta-preparado,f128d4ed4f4bb310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em 02/12/2012.
- ARGENTINA teme suicídio em massa devido ao fim do mundo. Exame.com [online], 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/argentina-teme-suicidio-em-massa-devido-ao-fim-do-mundo>> Acesso em: 20/12/2012.
- ARGUELLES, José. O fator maia. São Paulo: Cultrix, 2009.
- BARRY, Ellen. Governo russo se mobiliza para desmentir fim do mundo em dezembro. Folha de S. Paulo [online], 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1194740-governo-russo-se-mobiliza-para-desmentir-fim-do-mundo-em-dezembro.shtml>> Acesso em 21/12/2012.
- BESSA, Priscila. Quer escapar do fim do mundo em 21 de dezembro? Vá para Alto Paraíso. Portal IG [online], 2012. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/comportamento/2012-10-26/fim-do-mundo.html>> Acesso em 14/11/2012.
- BRADEN, Gregg (2011) O segredo de 2012. São Paulo: Cultrix, 2011.
- _____. O Mistério 2012. São Paulo: Geração Editorial, 2009.
- BEUTTENMULLER, Alberto. 2012: A profecia maia. Rio de Janeiro: Ground, 2009.
- BRUCE, Alexandra. 2012: Ciência ou superstição. São Paulo: Madras, 2012.
- CHINÊS constrói "Arca de Noé" para sobreviver ao fim do mundo. UOL notícias [online], 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/tabloide/ultimas-noticias/tabloideanas/2012/12/05/chines-constroiu-arca-de-noe-para-sobreviver-ao-fim-do-mundo.htm>> Acesso em 11/12/2012.
- CHINA prende quase mil integrantes de seita pré-'fim de mundo. Portal G1, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/12/china-prende-quase-mil-integrantes-de-seita-pre-fim-de-mundo.html>> Acesso em 05/02/2013.
- CLOW, Barbara. Código maia. São Paulo: Madras, 2009.
- CONNOR, Steve. Relax, the end isn't nigh. The Independent [online], 2009. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/science/relax-the-end-isnt-nigh-1804340.html>> Acesso em 09/01/2012.
- CORDEIRO, Tiago. Raio X dos maias. Aventuras na história. São Paulo, nº 43, 2007, pp. 26-33.
- COTERRELL, Maurice e GILBERT, Adrian. As profecias maias. Rio de Janeiro: Nova era, 2009.
- COUTO, Sérgio Pereira. 2012 x Nostradamus. São Paulo: Idea editora, 2010.

- DEPUTADOS de São Petersburgo pretendem proibir o fim do mundo. Voz da Rússia [online], 2012. Disponível em: <http://portuguese.ruvr.ru/2012_09_19/sao-petersburgo-pretende-proibir-fim-do-mundo/> Acesso em 20/11/2012.
- FEBRE do fim dos tempos maia atinge clímax no México. Portal Terra [online], 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/fim-do-mundo/febre-do-fim-dos-tempos-maia-atinge-o-climax-no-mexico,15b77ceb0e2bb310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>> Acesso em: 17/02/2012.
- FIM do mundo em 2012 faz proliferar seitas apocalípticas na França. UOL notícias [online], 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/06/15/fim-do-mundo-em-2012-faz-proliferar-seitas-apocalipticas-na-franca.jhtm>> Acesso em 09/01/2012.
- GAMA, Aliny. Mundo não acaba e "profeta" do Piauí é preso após vizinhos tentarem linchá-lo. UOL notícias [online], 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/10/12/mundo-nao-acaba-e-profeta-do-piaui-e-presos-apos-vizinhos-tentarem-lincha-lo.htm>> Acesso em: 23/11/2012
- GERYL, Patrick. O cataclismo mundial em 2012. São Paulo: Pensamento, 2009.
- _____. Como sobreviver a 2012. São Paulo: Pensamento, 2010.
- GORZONI, Priscila. Mais uma profecia. Leituras da história. São Paulo, n° 33, 2010, p. 26-33.
- GRONEMEYER, Sven e MACLEOD, Bárbara (2010) What could happen in 2012: A Re-Analysis of the 13-bak'tun Prophecy on Tortuguero Monument 6. Wayeb Notes, n° 34, pp. 1-68.
- HAMA, Lia (2005) O destino dos maias. Aventuras na História. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/destino-maias-433899.shtml>> Acesso em 02/12/2012.
- JANG, Hwee-Yong. Projeto Gaia 2012. São Paulo: Pensamento, 2009.
- JENKINS, John Major. 2012: A história. São Paulo: Larousse, 2010.
- JOSEPH, Lawrence. Apocalipse 2012. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. Dia seguinte. São Paulo: Pensamento, 2012.
- MAIAS previam o retorno de um Deus em 2012, e não o fim do mundo, diz estudo. Folha de S. Paulo [online], 2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1014810-maias-previam-retorno-de-um-deus-em-2012-e-nao-o-fim-do-mundo-diz-estudo.shtml>> Acesso 20/11/2012.
- MOURÃO, Rogério de Freitas. 2012 – o fim do mundo. Jornal do Brasil, 2012. Disponível: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2012/12/13/2012-o-fim-do-mundo/>> Acesso em 21/12/2012.
- NÁJAR, Alberto. Cientistas desvendam profecia maia do 'fim do mundo em 2012'. BBC Brasil [online], 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111201maias_fimdomundo_pu.shtml> Acesso em 10/04/2012.
- NASA. Beyond 2012: Why the World Didn't End. 2012. Disponível em <<http://www.nasa.gov/topics/earth/features/2012.html>> Acesso em 19/05/2013.
- NASCIMENTO, Elisângela (2012) Turismo místico e ecológico atrai empresários a Alto Paraíso de Goiás. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/12/turismo-mistico-e-ecologico-atrai-empresarios-alto-paraíso-de-goias.html>> Acesso em: 13/02/2013.
- NAVARRO, Alexandre Guida A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. História [online] vol.27, n° 1, 2008, pp. 347-377. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742008000100015>
Acesso em 09/12/2012.

_____. Afinal, é o fim do mundo? *Ciência Hoje*. São Paulo, v. 50, n° 295, p. 30-35.

NOGUEIRA, Pablo. Afinal, o que vai acontecer com a Terra em 2012? *Galileu*. São Paulo, n° 206, 2008, p. 64-71.

NOGUEIRA, Salvador. 12 receitas para o fim do mundo. *Superinteressante*. São Paulo, n° 298, 2011, p. 60-69.

OPÇÕES para o "fim do mundo" vão de bunker a bar. *Terra* [online], 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/fim-do-mundo/opcoes-para-o-fim-do-mundo-va-de-bunker-a-bar,1508d4ed4f4bb310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 21/12/2012.

PASTÉN, Alan Hernández. Saiba como surgiu a profecia do fim do mundo. *BBC mundo* [online], 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121217_maia_profecia_fim_do_mundo_lgb.shtml> Acesso em: 20/01/2012

PIERUCCI, Antônio Flávio (2003) *O desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34.

PINCHBECK, Daniel. 2012: Ano da profecia maia. São Paulo: Anadarco, 2010.

ROCHA, Paula; COSTA, Flávio; LOES, João (2011) *Fim do mundo em 2012. Isto É* [online]. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/184613_FIM+DO+MUNDO+EM+2012> Acesso em 09/01/2012.

SMOGINSKI, Felipe () Profeta erra data do fim do mundo e vai preso no Piauí. *Exame.com*, 2010. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/profeta-erra-data-do-fim-do-mundo-e-vai-presos>> Acesso em: 23/11/2012

TEXTOS maias não profetizam fim do mundo em 2012. *Portal IG*, 2012. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/textos-maias-nao-profetizam-fim-do-mundo-em-2012/n1237701876565.html>> Acesso em 04/10/2012.

TORRES, Carlos e ZANQUIM, Sueli, 2012: *A era de ouro*. São Paulo: Madras, 2009.

i Até pouco tempo se acreditava que eles teriam surgido em 700 a.C, porém uma expedição do arqueólogo Arthur Demarest, da Vanderbilt University, descobriu que em 1500 a.C. eles já habitavam a região, onde haviam construído estátuas de 5 metros de altura (Cordeiro, 2007).

ii Disponível no site da editora, no endereço eletrônico: <http://www.madras.com.br/portal/index.php?page=shop.product_details&flypage=flypage.tpl&product_id=829&category_id=53&option=com_virtuemart&Itemid=40&vmchck=1&Itemid=40> Acesso em 06/06/2013.

iii Para ficar apenas em alguns dos títulos em português, temos: Arguelles (2009); Braden (2011) e (2009); Bruce (2011); Clow (2009); Cotterrell e Gilbert (2009); Couto (2010); Geryl (2009) e (2010); Jang (2009); Jenkins (2010); Joseph (2012) e (2007); Pinchbeck (2010); Smoginski (2010); Torres e Zanquim (2009).

iv Movimento religioso que espera uma renovação da humanidade em suas concepções, relações entre si e com mundo, associada à passagem da era zodiacal de Peixes para a de Aquários.

v Luiz Pereira, piauiense de 43 anos, que dizia ter tido uma revelação (através de um sonho) que o mundo iria ser destruído pela "besta fera" em 12 de outubro de 2012 e só os que estivessem com ele seriam salvos (Smoginski, 2012; Gama, 2012).